

## **LABORATÓRIO DE IMPREVISTOS: ENSAIO SOBRE AS CONDIÇÕES PARA A COLABORAÇÃO EM DANÇA**

Thais Vieira Alves<sup>1</sup>, Marcelo Pires de Araujo<sup>2</sup>, Meline Costa<sup>3</sup>, Bianca Scliar Cabral Mancini<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PROBIC/UDESC

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PROBIC/UDESC

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Artes Visuais - CEART - bolsista PROBIC/UDESC

<sup>4</sup> Orientadora, Departamento de Artes Cênicas - DAC – bibimove@gmail.com

Palavras-chave: Condições permissivas. Colaboração. Anarquismo.

O Moinho de danças- improvisação e mediações investigam as intersecções entre a dança site specific e a filosofia através da produção de eventos híbridos e processos interdisciplinares. Inicialmente investimos em uma abordagem processual para conceber um corpus teórico a partir da filosofia especulativa com o intuito de contemplar especificidades e tensões entre ensaio e composição. Quais as mínimas condições para uma coerência na improvisação? Como criar a partir de uma necessidade de movimento? A partir das vanguardas criativas dos anos 1920 e 1960, o foco desta pesquisa está no cruzamento entre heranças disciplinares da dança e da música, de onde extraímos princípios para a improvisação a partir de linguagens híbridas. Através de práticas e de levantamento bibliográfico no escopo da filosofia processual mergulhamos na noção de ritmo, sobreposição, realizando tradução de textos, encontros de leitura, improvisação semanal, jam sessions e construindo arquivos dos processos que denominamos Laboratório de ensaios e Imprevistos.

Um dos focos que emergiu no processo convidou à exploração sobre as práticas colaborativas. Neste artigo destaco os aspectos relacionados às condições permissivas, que chamamos de núcleos de coerência para a improvisação. Através dos entrelaçamentos teóricos e das narrativas experimentais, exploro as estratégias elaboradas pelo grupo para uma pedagogia da escuta a partir dos conceitos de afecto, acontecimento e partilha. Surge então uma pragmática especulativa para o sentido de *condividir* a existência, tal como proposto pelo filósofo político Giorgio Agamben. Para ele, em seu ensaio sobre a amizade, “O amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente da “mesmidade”, um tornar-se outro do mesmo. No ponto em que eu percebo a minha existência como doce, a minha sensação é atravessada por um *com-sentir* que a desloca e deporta para o amigo, para o outro mesmo.” (p.68) Nesta perspectiva, este artigo explora as condições entre corpos que emergem da ação da improvisação, onde sugiro que os sentidos de alteridade que emergem durante a prática atravessa a linguagem do consenso e experientia-se uma inventividade do espaço-tempo que é imprevisível, apenas possível através das práticas criativas colaborativas.

Também é abordada a prática da documentação, já que a pesquisa dedicou-se à desviar de uma pragmática de produção espetacular, buscando a especulação e o ensaio como método. Ao longo deste artigo partilhamos os desvios tomados como resoluções para a criação de instrumentos de

confluências criativas, evitando o estabelecimento de campos de conforto onde o termo improvisação fosse falsamente aplicado e enfatizando primordialmente as teias das relações nos processos do laboratório semanal e também no grupo de leituras.

Sugerimos o uso do termo *anarquivo* para definir a prática de registro e composição, como a constituição de uma memória destituída de consensos e a partir de uma narrativa híbrida, no entrelaçamento das performances, documentação videográficas e hibridismos.